



## Prefácio

# SOBRE COISAS NÃO É APENAS SOBRE COISAS

Eduardo Quive

Se a infelicidade está tanto num lado como no  
outro, não valeria mais escolher o que é o pior.  
Fiódor Dostoievski “A Submissa”

Uma coisa, dentre várias, logo se nos coloca  
diante da poesia de Mara de Aquino: ela é humana  
e, sobre todos outros pretextos possíveis, para  
a poesia, basta-lhe apenas o Ser. De resto são  
estilhaços da nossa condição de viventes, outra  
espécie de predadores. Pois bem, sobre a autora  
não falo porque nem a poesia é sua. A poesia só é  
nossa quando a temos na alma. É como os deuses  
do meu continente, cada um com os seus. E eles  
só a cada indivíduo pertencem. Quero falar das  
“coisas” que nos reservam as páginas que leio sob  
pretexto de poesia. Uma poesia coisa, ou vice-versa.





O que poderemos encontrar dentro de uma obra onde apenas “coisas” nos sugere o título? Qual é a “coisa”, fundamentalmente? E o que nos importam as coisas? Porque o leitor tem que saber sobre coisas?

Estas inquietações, típicas de uma poeta dos olhos horizontais, sugerem-nos o lado humano cáustico. O caos não é apenas a tempestade, é também a ternura. Imaginemos que à nossa frente, vem a morte e doença. Diante desse dilema, a saída não teria que ser, precisamente, a saúde, a vida em primeiro lugar.

Recordo-me de um escritor congolês, Henri Lopes, quem nos habituou contar sobre “coisas”. Coisas da vida, da morte, do dia-a-dia. Porque os dias são essa coisa que se quer nos passa que nós, como humanos, somos parte delas.

Regressando às minhas inquietações, a poesia expressa nesta obra, é unânime no seu discurso ao tratar todo o recurso humano como “coisa”. Diz o vocabulário que “coisa” é tudo o que existe ou pode existir, real ou abstractamente. Esse é apenas o princípio de uma compreensão básica. Porque ao ler a poesia de Mara de Aquino, entenderemos que convida-nos para mais dentro, a introspecção dita por Sócrates. Essa necessidade, imediata, que temos de viajar para dentro de nós, faz com que os gestos





usados para compor esse bailado de “inutencílios” sejam o corpus dessa poesia. E é essa, a função do poeta e da sua poiesis, viajar para lá dos seus amores e dores, estar cá, para nós, o seu avesso e universo.

Uma poesia que nos dá o privilégio de Ser, na verdadeira qualidade, mesmo quando trata-nos, a nós, e as nossas coisas (e o Homem não é uma coisa?), de objectos de nenhuma estimação. É por isso que recorri aos romancistas quando entrei para a poesia de Mara, relembrando o Fiódor Dostoievski: “se a infelicidade está tanto num lado como no outro, não valeria mais escolher o que é o pior”. O pior é ter o corpo e não compreender o seu motor. O corpo passou a ser um lugar de presença, mesmo quando a alma ausenta-se. O corpo passou a ser o verbo, e palavra nenhuma se tece sem ele entre os Homens. Por isso e por mais, os Homens passam a vida a procura da essência que dê a vida eterna. Estamos a procura da cura da morte, na verdade. Falta-nos primeiro, a cura da vida. Como se tudo estivesse ao alcance desse Ser chamado Homem. É essa a utilidade da poesia presente em “Sobre Coisas”.

Como o leitor deve ter percebido, a leitura que faço deste livro diz-me que de apenas material humano se trata esta poesia. O homem e o seu norte. O homem e os seus retratos. O homem a maior invenção





de todos os tempos, máquina de si próprio. É como  
se o relógio não marcasse apenas o tempo desse Ser:

*são tantos relógios  
que o tempo para distraído no meio das pessoas.  
- você teme a feira de sentidos  
no mundo dos negócios?*

É sobre o Homem que fala essa poesia sarcástica a mordaz. A poeta fartou-se de tudo, mas mais ainda, quer encontrar-se num mundo em que os negócios fazem os homens e não o contrário. Constituiu-se a business society, por isso toda eclosão de cólera de homem para homem. Um poeta auto reflexivo nos leva a esse marasmo: “que inquietação do fundo nos soergue?/ o desejar poder querer” (PESSOA, in Mensagem).

A poesia de Mara de Aquino faz-se de chutos eternos aos valores e aos equilíbrios sociais por que as pessoas se encontram. Como se tudo a volta se tivesse tornado gente e o homem cessado as suas funções de pensador perante as suas crias. Poemas como “escola de mistérios” falam-nos deste mundo sem cair em nenhum verbatimismo falacioso, verdade nua e crua:





*egípcios viveram carência na decadência  
do império.*

*com elevado conhecimento e décadas de  
novos hábitos*

*adultos comeram crianças...*

A discussão de problemas actuais, não só revela a sensibilidade da poeta, mas o poder materno e globalidade. Efectiva a máxima de que a poesia não tem lugar, a fronteira foi inventada no mapa. Esse mesmo Egipto que se repete em muitos países, hoje voltou a cair em mais banhos de sangue, decadência de mais um império. A moral vai se escondendo apenas nos nossos cobertores, cá fora, a nudez é total. É como se, do mesmo jeito que a terra encobre os nossos defuntos, a carne cobrisse os ossos do nosso abismo. A pressa que nos impõem, igualmente, os tempos actuais, mesmo quando colocados entre “desejo e necessidade” não nos resta tempo vago para a decisão certa. O jogo de imagem e movimento faz com que esta poesia caminhe com seus próprios pés. Uma poesia que não precisa de empurrões nem rodeios, ela, por si só, vasculha seus caminhos e vai galgando a longa montanha aonde o Homem se encontra. Essa “coisa” a quem nos deixamos ser, na fúria dos tempos da carne, despir-nos-á de nós mesmos. E sobre todas as coisas que respiram acima do que somos, a carne é ainda assunto de discussão em Mara de Aquino. E o “mundo” como é traduzido?





*no quarto comigo  
a planta segue integrada a tudo  
o tempo preciso  
da planta nasce cresce e vive no quarto*

E em outros poemas a autora mostra-nos o we are the world, efectivando o seu diálogo como Mia Couto, na sua pouca bibliografia poética.

Quando em “cinquenta anos” Mara vê aos olhos do mundo, o cessar do corpo à estupidez das areias, e essa linguagem que insinua o comodismo, certo da própria idade, Mia Couto não faz o contrário em “Idades cidades divindades” e diz: “não ascendo a rosa. / Fico por espinho, crosta, remorso.”

A alma tranquila que escreve essa poesia, não se compara à tempestade que se nos evade ao ler seus versos. Tudo tem efeito contrário quando lemos “Sobre Coisas”. E nessa tranquilidade Mara de Aquino pode dizer o que vai na alma sem temer a dor e a lágrima. Para quem tem por ofício, remover espinhas da terra, as chuvas do céu doem mais ainda. Por isso diz cantando, o poema “povo brasileiro”. Um diálogo perfeito com um dos embondeiros da poesia brasileira. A poesia de Mara de Aquino, mesmo versando “Sobre Coisas” faz barulho, fun-





damentalmente, diria Ferreira Gullar “tudo / o que há nele / é barulho” (GULLAR, BARULHOS).

Por isso li e ainda leio estes versos. Ontem e hoje, como o resguardo de sempre e a nostalgia infinita. Toda a tentativa de encontrar a ausência nesta poesia será a presença. Mesmo quando fala de amor, essa mulher não é brisa. Não abrandar, nem sossegar, o sossego é o ofício de não ser. O lugar de partida é agora. E se tudo der certo, agora mesmo vou me ausentar, para deixar que o leitor seja testemunha dessa poesia feita a tinta de sangue. Nem de perto, nem de longe, a voz de “Sobre Coisas” é maior que os ventos do apocalipse que sopram nos nossos dias, sob a égide daquilo que somos, sem antes saber quem somos nós. Mas antes advirto, “Sobre Coisas” não é apenas sobre coisas.

Matola – Moçambique  
À madrugada do dia 18 de Agosto de 2013









Mara de Aquino

## **o infinito das coisas**

o infinito das coisas  
a iminência delas

tabeliãs fúteis  
coisas inúteis

rãs sobre câimbras  
ateiam sombras no sonho da forma

infinitas coisas dão luz  
é preciso nada para ser eu sou



## **semente do mar**

no momento escuro  
a semente brota

do mármore cimento e aço  
convidando espuma a não ser sabão

deus inventa o homem  
na mulher gás e conchas

mulher e homem inventam deus  
e se reinventam



## **metropolitana**

nação estranha  
escorre tempo

campineira caça sustento  
cozinando a lógica do espaço

território embaraço chumaço  
de algodão tamponando feridas

terra comprida e larga  
ulterior antes durante cante

terra amada  
permeada de solos

chão de água luz e controles  
chão que leva e mantém

a cidade contrai relata  
em nossos pés sua história



## **enquanto pessoas controlam máquinas**

são tantos relógios  
que o tempo para distraído no meio das pessoas.  
- você teme a feira de sentidos  
no mundo dos negócios?

o avesso do negócio.  
duas crianças abraçadas  
vestidas de cambraia e renda  
assopram peitos do navio!

o avesso do naufrágio.  
você e eu comovidos  
de ouvidos colados ouvindo  
a possibilidade amorosa.

nau frágil in *concert*.  
são tantos sentidos  
que o tempo para distraído  
no meio das pessoas.





Mara de Aquino

## **posso te amar ?**

- posso te agarrar te abraçar te comer e te beijar?
- pode.
- eu sou sua mulher posso te amar?
- como assim?
- somos alma com alma posso te amar?
- eu sou. diga eu sou.